

EDUCAÇÃO AMBIENTAL APLICADA NA CONSCIENTIZAÇÃO EM RELAÇÃO AOS ANIMAIS DA ORDEM ARANAEAE (ARANHAS)

LUCCA LILLES GALVÃO MACHADO¹; LUIZ ERNESTO COSTA-SCHMIDT²

¹*Universidade Federal de Pelotas –lucca.ufpel@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – luiz.ernesto@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Através dos agravamentos dos problemas ambientais ocasionados pela sociedade atual, pode-se considerar que a Educação Ambiental (EA) possui um papel de destaque na conscientização e sensibilização da população em geral. Aliada à Alfabetização Científica, a EA tem o potencial de trazer mudanças nos hábitos e atitudes que o ser humano desempenha com o meio ambiente. (GRZEBIELUKA; KUBIAK; SCHILLER, 2014). Uma vertente de ação está atrelada, por exemplo, na desvinculação de estígmas pré-estabelecidos no imaginário coletivo voltados a alguns grupos animais.

As aranhas compõem um grupo estigmatizado pelo conhecimento popular, usualmente associadas a reações de aversão e medo (ZVARÍKOVÁ ET AL., 2021). Tal fato acaba por promover comportamentos na sociedade que comprometem a existência das aranhas em geral. Ainda que sejam um grupo mega diverso – mais de 50 mil espécies descritas globalmente (WORLD SPIDER CATALOG, 2023) –, com uma riqueza imensa em termos morfológicos e comportamentais, poucas espécies representam um verdadeiro risco as pessoas. De acordo com BUCKUP et al. (2010), existem pouco mais de 800 espécies de aranhas registradas para o Rio Grande do Sul, sendo que apenas cerca de uma dezena destas estão incluídas como espécies com algum interesse médico (CENTRO DE INFORMAÇÕES TOXICOLÓGICAS, 2023).

Pensando nas questões apontadas acima, surgiu o interesse na formulação de ações de formação sobre a biologia de aranhas, direcionado a mitigar essa percepção da população que convive ou usufrui o espaço central da cidade de Pelotas. A ideia é contar com o engajamento mais amplo da comunidade acadêmica da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), através de um plano de instrumentalização de estudantes do Curso de Ciências Biológicas da UFPel sobre a biologia das aranhas.

O objetivo com estas ações era de ter um primeiro contato com o público de interesse e indiretamente gerar um diagnóstico a respeito do conhecimento deles sobre as aranhas. Espera-se que este público extrauniversitário seja caracterizado por uma visão mais próxima da aversão e medo das aranhas, que será alvo do trabalho de docentes e discentes das Ciências Biológicas sobre a biologia do grupo.

De maneira mais ampla, este trabalho tem como meta a criação de um projeto de extensão que visa aprimorar a compreensão da população em geral sobre as aranhas, tendo como princípio e bases teóricas aquelas desenvolvidas no âmbito da Educação Ambiental. Paralelamente, será estudada a formulação de ações voltadas ao âmbito escolar, a fim de ressignificar o tema, elucidando o papel das aranhas nos serviços ecossistêmicos usualmente desconhecidos pela sociedade em geral.

2. METODOLOGIA

O ponto de partida do trabalho foi o estabelecimento de uma definição para EA, tendo como base as leis e diretrizes que regem sobre a EA. Selecionamos duas definições complementares. A primeira foi retirada da Lei nº 9795/1999 (BRASIL, 1999), que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, que em seu artigo 1º diz:

“Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.”

A segunda definição foi encontrada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (BRASIL, 2012), que em seu artigo 2º diz:

“A Educação Ambiental é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental.”.

Operacionalmente, realizamos um evento com o intuito de promover conexões a respeito do tema com o público de interesse. Caracterizamos esse público como sendo o público leigo, extrauniversitário, composto pela população pelotense que usufrui do espaço público da região central da cidade.

O evento ocorreu no dia 2 de setembro de 2023, por ocasião de uma atividade comemorativa ao Dia do Biólogo promovido pela gestão do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR). A atividade consistiu na montagem de um estande em frente ao MCNCR pelo projeto de extensão “Insetos, e daí?”, cuja equipe estava à disposição para o atendimento dos transeuntes (Figura 1A). A abordagem com o público se deu por demanda espontânea, estabelecendo-se uma linha direta de conversa sobre o tema proposto. Como material de apoio, utilizamos aranhas preservadas para observação em lupa, além de imagens impressas (cards ilustrativos) representando espécimes de maior relevância em termos de interesse médico (Figura 1B).

Ainda que as demandas tenham sido espontâneas, seguimos um protocolo de avaliação indireta sobre a percepção do público a respeito das aranhas. De maneira informal, questionamos o público sobre experiências prévias com estes animais, buscando estabelecer uma conexão com seu imaginário. Pedíamos, então, que a pessoa descrevesse as características dessa aranha idealizada por ela. A partir da resposta, a equipe oferecia a pessoa interessada a oportunidade observar alguma aranha com as mesmas características descritas pela pessoa. Após esta conversa inicial se constituía então uma ponte para uma explicação compreensível e didática da importância destes seres para o meio ambiente e a quebra de estigmas relacionados aos mesmos.

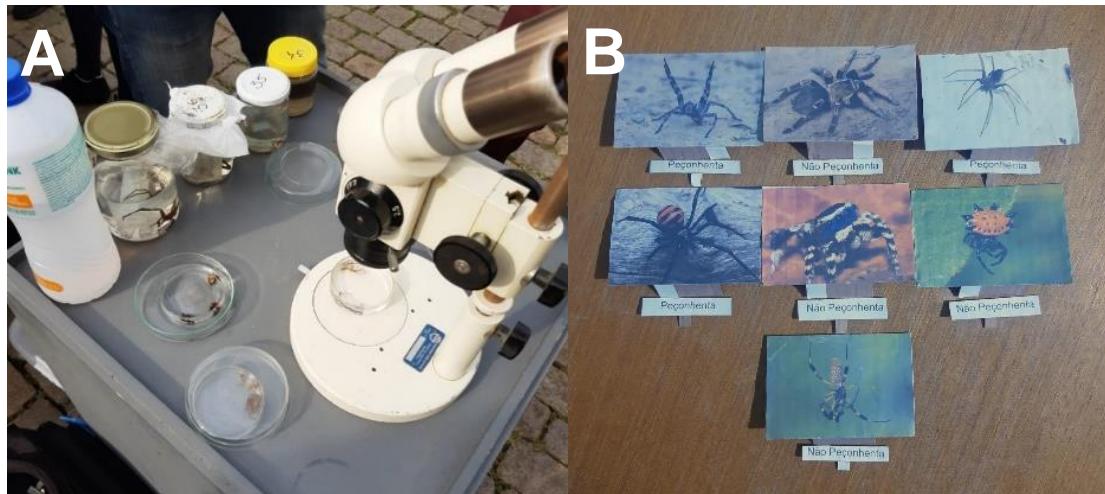


Figura 1 – (A) Detalhe do estande montado em frente ao Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, com destaque às aranhas disponíveis para observação na lupa. (B) Imagens impressas (*cards* ilustrativos) utilizadas como suporte durante as conversas com o público.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade promovida pela gestão do MCNCR atraiu 196 visitantes, caracterizadas pela heterogeneidade em termos de gênero, faixa etária e nível de escolarização. Estimamos que cerca de 15% destas pessoas interagiram diretamente com a exposição das aranhas. Esse dado, contraposto as estimativas de expositores relacionados a outros grupos de organismos (borboletas: 30%, moscas: 20%, aves: 20%), sugere que uma suposta aversão ao grupo teve pouco efeito sobre o interesse do público geral. Esse dado é interessante, pois esperávamos um percentual de público movido ou pela curiosidade (extremo superior) ou pela aversão (extremo inferior). Prevemos, para os próximos eventos, um controle mais detalhado sobre o número de participantes.

As interações com o público confirmaram nossa previsão quanto a percepção sobre as aranhas, onde medo e aversão foram reações recorrentes durante a própria conversa. Percebemos, no entanto, uma relação direta entre estas reações com a falta de informação sobre o assunto. Por exemplo, muitas das pessoas acreditavam que todas as aranhas apresentam algum risco aos seres humanos, evidenciando a necessidade de se levar maior informação sobre estes seres ao público em geral.

Na maioria dos casos a aranha que mais se assemelhava a descrição do imaginário popular era a de uma caranguejeira, descrita como grande e peluda, ou armadeira, descrita como agressiva por se “armar” e com pernas longas. Isto reforça ainda mais o medo das pessoas, ao ponto de que tamanho e agressividade sejam características recorrentes nas descrições do público leigo.

4. CONCLUSÕES

A atividade aqui descrita sugere, mesmo que indiretamente, a carência de educação científica básica. Muitas das concepções equivocadas poderiam ser sanadas via um trabalho de base nas escolas, sendo a Educação Ambiental o veículo para a conscientização socioambiental e de construção de uma educação científica para a população em geral.

Com a ação realizada até o momento, foi possível estabelecer métodos didáticos de comunicação com a população em geral e entender alguns dos estigmas, medos e percepções sobre aranhas que se encontram presentes no imaginário popular. Percebeu-se também que é possível auxiliar as pessoas a compreenderem um pouco mais sobre estes animais e a sua importância, podendo assim passar adiante as informações sobre os mesmos e desta forma evitando-se a perpetuação de estigmas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRASIL. Lei nº 9795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1999.

BRASIL. Resolução CNE/CP 2/2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 18 de junho de 2012 – Seção 1 – p. 70.

GRZEBIELUKA, D.; KUBIAK, I.; SCHILLER, A. M. Educação Ambiental: A importância deste debate na Educação Infantil. **Revista Monografias Ambientais**, v. 13, n. 5, p. 3881–3906, 2014.

SECCHI, I. M. Educação ambiental. **Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura**. Porto Alegre, 01 jun. 2015. Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/educacao-ambiental-assea>. Acesso em: 16 ago. 2023.

IMASUL. **Conceitos de educação ambiental**. Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2 de dez. de 2019. Acessado em: 21 set. 2023. Online. Disponível em: <https://t.ly/xogyw>